

# **Modernidade e secularização: impacto na religiosidade do jovem brasileiro**

Paulo de Tarso Roma de Oliveira<sup>1</sup>

## **RESUMO**

A proposta do presente artigo é refletir a respeito da modernidade e modernização enquanto fenômenos e processos. Proponho também inserir na discussão a temática da secularização, com o objetivo de discutir o jovem católico brasileiro sob este pano de fundo, por entender que a modernização promove, concomitantemente, a secularização e altera a forma de compreensão e prática da religiosidade no atual contexto. Parto da ideia de que a noção de modernidade é incapaz de ser alterada em qualquer contexto; isto nos leva a buscar entender os processos de modernização, que se diferem na medida em que as sociedades alteram suas formas de se estruturar e se relacionar consigo mesmas e com o mundo. Secularização estaria submetida a este processo, mas intrínseca como fenômeno e como fato à modernidade.

**Palavras-chave:** Modernidade. Modernização. Secularização

## **ABSTRACT**

The purpose of this article is to reflect modernity and modernization as phenomenon and process. I propose, also, to discuss secularization from the viewpoint of young people of the Catholic Church, once the modernization has promoted, at the same time, the secularization and, with this, changed the way of comprehend and to practice of religion nowadays. I start from the idea that the notion of modernity is unable to be changed in any context; this leads us to seek to understand the processes of modernization, which differ to the extent that the societies change their ways to structure and to relate to himself and with other societies. Secularization would be submitted to this process, but as intrinsic phenomenon of modernity.

**Keywords:** Modernity. Modernization. Secularization

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

## **BREVE PARECER SOBRE A MODERNIDADE**

Modernidade materializa o sentido de atualização e suplantação de algo considerado ultrapassado; atualmente há dificuldade de conceituação do que seja, por conta da dificuldade em se abstrair seu verdadeiro sentido em uma sociedade dinâmica e de alta volatilidade. Consoante a isto, Balandier (1997) afirma: "na maioria das vezes a modernidade não é recebida positivamente, porque jamais é claramente compreendida. É de sua natureza" (*ibidem*, p. 137). Enquanto indicativo semântico de adjetivo, e considerado em sua etimologia, é desnecessário buscar compreender seu significado, pois o sentido que indica é perpétuo, inerente ao que é: "Do lat. tardio *modernus*, de *mōdus*, calcado em *hodiernus*, de *hodiē* 'hoje', dos nossos dias, recente, atual, hodierno" (CUNHA, 1986, p. 526). Tudo aquilo que é observável é moderno, está inserido na modernidade. O sentido é estritamente atemporal. O moderno sempre existiu, pois é a configuração atual de todo o processo social vigente.

Nesse sentido, a questão de elucidar a condição moderna distanciou-se da compreensão dos processos; a modernidade tornou-se o foco. Assim, a revolução industrial é um marco de modernidade, assim como a informática é outro, muito bem palpáveis em suas respectivas condições estruturais: "a modernidade torna-se a aparência da verdadeira mudança" (BALANDIER, 1997, p. 139).

## **MODERNIZAÇÃO**

A ideia tradicional de modernização traz em seu bojo o sentido temporal. Isto porque o moderno e o ultrapassado indicavam transformações e diferenciações de um tempo em relação ao outro. O moderno implicava diretamente em deixar algo para trás ou ultrapassar determinadas premissas contingenciais, consolidando-as justamente na ultrapassagem de um limite que se superou. No fim, ficavam bem claros os sentidos de antiguidade e modernidade.

Partimos, então, de uma noção de sistema conjugado dentro de um estado ou de uma cultura; trata-se de um processo independente de demandas exteriores cujas oscilações estão na estreita dependência de fatores tanto particulares quanto internos. Por operar no limite de seu espaço interior, lidamos com fenômenos que são mais lentos e propícios a promover diferenciações gigantescas entre os indivíduos, pois podem desencadear processos unilaterais modelados pela própria estratificação social que difere de cultura para cultura, revelando engajados e descomprometidos.

Embora esse modelo tenha prevalecido até metade do século XX, sendo esta a realidade de muitos países, contudo já se desenhava uma polarização entre mundo tradicional

e mundo ocidental que apontava para o fato de que modernizar-se seria se apropriar do modelo de vida ocidental pelos países tradicionais. Uma configuração de caráter universal foi esboçada por Lerner (1958), em meados do século XX, que veio fortalecer mais ainda esta ideia. Ele dividiu os países em três estágios distintos, após mapear diferentes culturas e obter informações a respeito de seu modo de vida, acesso à mídia, impressões sobre temas ligados à política, entre outros. O resultado permitiu-lhe definir três categorias de povos: os tradicionais, os em transição, os modernos.

A partir da consolidação dos processos de telecomunicação e de informática, e da emergência da sociedade da informação, que devastou as fronteiras físicas e transformou o mundo numa aldeia global, ser moderno deixava de ser uma configuração interna para ser uma apropriação externa dos valores e dos padrões gerenciados pelas nações desenvolvidas. Abandonou-se gradativamente a ideia de tempo com suas equiparações classificatórias e avaliativas, e consolidou-se o novo conceito baseado na ideia de modernização vinculada a progresso e desenvolvimento tecnológico. O caráter hegemônico lança suas bases pela incorporação do modo de vida dos países ocidentais pelos países tradicionais. Com base nestes novos parâmetros, novas nomenclaturas aparecem para classificar os países: terceiro mundo, subdesenvolvidos, pobres; todas polarizadas frente ao desenvolvimento experimentado pela Europa e América do Norte, que passaram a ser modelo de países desenvolvidos e modernos. Tais ideias foram se consolidando e atualmente orientam o pensamento sociológico atual. Armer and Katsillis (2001) apresentam modernização como sendo um processo de transformação das sociedades tradicionais e subdesenvolvidas em sociedades desenvolvidas e modernas. Eles ressaltam que este fenômeno se iniciou no século XVII na Europa Ocidental e na América do Norte, indo até o século XIX, sendo posteriormente absorvido em outras partes do mundo e se consolidando principalmente no século XX. Quanto ao processo em si, os autores consideram que a modernização se deu a partir do crescimento econômico, cujos reflexos foram sentidos nas estruturas sociais, políticas e culturais. Já Habermas (2002) enxerga a modernização a partir de uma leitura de Weber, sob a perspectiva de uma ruptura, ao resgatar seu ponto de vista da racionalização, em que o aparelho burocrático do Estado profanou sobremaneira a sociedade vigente, dissolvendo as formas de vida tradicionais e abrindo definitivamente as portas para a modernidade. Quanto mais se consolidava a racionalização no repertório das relações sociais, mais as tradições se dissolviam, gerando o desencanto com o mundo e a alteração nos processos trabalhistas, como a substituição das corporações de ofício pelas novas formas de economia e administração racionais, definidas por Weber como a institucionalização destes processos.

Do ponto de vista prático, o autor (*ibidem*) ressalta haver um conjunto de processos cumulativos<sup>2</sup> que servem para conceituá-la, e procura também romper com a estagnação conceitual que foi definida em seu nascedouro, vinculando-a à racionalização, pois teríamos que substituir processo de modernização por processo de racionalização, e isto acabaria limitando sua forma a aspectos restritos e locais.

## SECULARIZAÇÃO

A questão do deslocamento é significativa para compreender o nascedouro do conceito de secularização. Na base etimológica, Cunha (1986, p. 710) nos apresenta o termo com a raiz "*saecŭlum*, relativo a século, sm. leigo, profano; *saecŭlāris* - secularização". Tendo por base tal significado, o termo aparece a partir do século XIII, e nos subsequentes, como uma oposição binária dentro do cristianismo. Os governos do mundo, ou os reinos do mundo, estariam sempre e em todo o tempo em oposição ao reino de deus. O caráter político se consolida por serem reinos em oposição. Nesse sentido, não se secularizar implicava não se tornar do mundo, manter-se fiel às tradições e dentro dos limites unicamente possíveis para a prática da fé. Tahirli (2005) define uma alteração desse sentido dado ao termo. Para ele isso ocorre a partir do século XVI, no mesmo momento em que algumas revisões conceituais a respeito da vida social passaram a ser consideradas. Secularização deixou de ter implicações profanas, ímpias e hereges, para designar um mundo em movimento. Secularizar passou a ser uma transferência casual, ou o deslocamento de coisas e pessoas da esfera religiosa para a esfera secular. O sujeito já poderia, de forma parcial, habitar os dois mundos sem que necessariamente se estabelecesse um conflito nesta relação dual.

O autor (*ibidem*) sugere que no século XIX deu-se a última guinada conceitual no termo, sendo este adotado até hoje, ou seja, o declínio das crenças e práticas religiosas nas sociedades modernas. Casanova (2006) refere-se à secularização como um movimento de deslocamento do sujeito que transfere a dimensão tradicional de sua religião para uma dimensão secular. Esta transferência se dá de forma sistematizada, provocada por um conjunto de fatores que estão relacionadas a atual conjuntura mundial no que tange ao

---

<sup>2</sup> Tais processos cumulativos estariam certificados pela história secular de forma linear e também estariam dialeticamente definidos por uma ação de reforço mútuo. São também abstrações do conceito weberiano de modernidade, que a partir da década de 1950, deram luz ao conceito de modernização em seu aspecto técnico, definida a partir de processos como: a formação de capital e mobilização de recursos; desenvolvimento das forças produtivas e aumento da produtividade do trabalho; estabelecimento do poder político centralizado; formação de identidades nacionais; expansão dos direitos de participação política; expansão das formas urbanas de vida; expansão da formação escolar formal; secularização de valores e normas etc. Como o autor conclui: "A teoria da modernização efetuou sobre o conceito weberiano de `modernidade` uma abstração plena de consequências" (Habermas, 2002, p. 5).

desenvolvimento tecnológico e a abertura de fronteiras do conhecimento. É sobre este pano de fundo que se instituíram a maioria das análises sobre secularização e religiosidade no campo da Sociologia das religiões.

## **SECULARIZAÇÃO: SEU IMPACTO NA RELIGIOSIDADE DO JOVEM CATÓLICO**

Torna-se um desafio compreender de que maneira o jovem do atual contexto, submetido às pressões de seu tempo e enfrentando o conflito entre a secularização e a religiosidade, poderá responder ao desafio da fé, uma vez que a religiosidade contemporânea passa por significativas transformações e, de acordo com recentes estudos (ORO, 1996; CAMPBELL, 1997; MARIZ, 1999), tem se ancorado em novos paradigmas nos quais é feita a revisão de noções como bem e o mal, a dualidade deus imanente deus transcendente, relativismo do certo e do errado, entre outros. Há, atualmente, como afirma Campbell “um processo de transformação da cosmovisão religiosa ocidental” (CAMPBELL, 1997). Esse processo se reflete em subjetividades que revelam personalidades cristãs dissociadas da objetividade religiosa. Cria-se um fenômeno ao qual Zimmer assim se refere: “nossas profissões de fé já não encontram nenhuma afinidade visível com nossa conduta pública ou com nossas esperanças íntimas” (ZIMMER, 2008, p. 26). Essa nova identidade observada no jovem torna a Igreja, senão desnecessária, menos necessária do que à época em que, livre da secularidade, sua filiação ou não a ela implicava diretamente na sua salvação ou perdição, uma vez que a retórica salvífica apoiava-se no corolário *ecclesiam nulla salus*<sup>3</sup>.

A secularização acabou exercendo uma pressão sobre o jovem cristão católico que, fustigado pela lógica científica do mundo e convencido por ela, gesta em si a dúvida no repertório de doutrinas às quais se submetia e revê sua concepção de mundo, bem como sua relação de dependência e exclusividade para com a Igreja. A verdade, até então absoluta, passa a ser verdade relativa; constrói-se um novo jovem, secularizado.

Discussões feitas por Bauman (1998) sugerem uma analogia da Igreja a um mercado de bens e serviços que precisa estabelecer a dependência desses produtos e serviços na clientela. O autor sugere que se a clientela não mais se satisfaz com o produto oferecido, o produtor deve atuar no sentido de resgatar essa necessidade, promovendo meios de produzir seus consumidores, aliciando-os de forma inteligente para que resgatem o desejo de consumir

---

<sup>3</sup> Fora da Igreja não há salvação

seus produtos e “[...] desse modo, tornar seu trabalho indispensável” (BAUMAN, 1998, p. 210). Esse é um aspecto chave: o jovem do atual contexto mitiga sua dependência da Igreja de tal modo que já não se sente culpado de discordar de suas doutrinas; também não se ressent de atuar de forma mais independente, assumindo autonomia no que tange a questões de fé e prática religiosa. Para esse jovem, mundo e Igreja não representam realidades excludentes, e se sente à vontade de habitar ambos os ambientes sem se sentir dissidente, maculado ou órfão da “graça”. Mariano (2001) vê essa questão como desdobramento da separação Estado-Igreja. Para ele, o processo de secularização devastou o cenário religioso, dismantelando-o e fazendo eclodir uma religião de natureza privada, pautada na consciência individual. E não se trata de um fenômeno localizado, na Europa Hervieu-Léger (1990) destaca uma substituição progressiva da visão religiosa dicotômica “mundo-salvação” por uma visão de religião mais difusa e privada, orientada pelo aqui e agora, subsidiada pelas demandas psíquicas do próprio indivíduo.

## **CRÍTICAS AO PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO**

Marshall (1994) traz algumas reflexões realizadas por críticos do processo de secularização e seu impacto na religião. Entre eles destacam-se Marguerite Van Morre, que ressalta que as transformações na fé enfraquecem diretamente a religião institucionalizada, pois as pessoas se desvinculam dos objetos físicos da religião (o sacerdote, o templo, os ritos) e passam a vivenciar uma fé vertical, na qual deus se basta em si mesmo.

Outro crítico citado pelo autor e que segue a mesma linha é Michael Gauvreau, que coloca a perda da espiritualidade como consequência direta do esvaziamento dos templos. Para ambos os autores “é na semente da secularização que se identificam as sementes da dúvida religiosa” (MARSHALL, 1994). Partindo de tal pressuposto, o declínio dos fieis hoje observado no catolicismo não significa o abandono da fé, senão uma substituição da prática tradicional de religiosidade, com menor necessidade de referenciais físicos como templo e sacerdote. Isto pode significar a instauração de um padrão religioso menos rígido ritualmente, mais prosaico do ponto de vista do crente, cujo impacto em algumas estatísticas pode ser interpretado de forma equivocada, como se houvesse uma baixa quantitativa de fieis.

Além disso, o nominalismo cristão pode estar se acentuando, pois o autor (*ibidem*) sustenta certo declínio na religião como fenômeno estruturante da sociedade, sendo substituída pela ciência, que tem respondido satisfatoriamente às necessidades humanas

atuais. A verdade passa a sustentar-se, então, sobre novos paradigmas, liberando o indivíduo das amarras religiosas. O triunfo da secularização se assenta não na supressão da religiosidade, mas na sua reinterpretação e no arranjo de um novo papel social, menos determinista e mais casual. Essa percepção promove uma reorientação no entendimento do próprio processo de secularização, pois outrora atrelado a um esvaziamento do sentido religioso por parte do sujeito secularizado, contudo isso não se concretiza na prática, ele se desvincula de um modelo religioso historicamente institucionalizado e passa a se orientar a partir de um conjunto de novos padrões por ele próprio gerados. Esse fenômeno ocorre de forma bastante pontual nos jovens que, pelas próprias características da idade, tendem a se integrar mais facilmente às demandas sociais de seu tempo:

“Os jovens de hoje vivem em um momento no qual a tensão local-global se manifesta no mundo de maneira contundente. É verdade que estes aspectos têm consequências na sociedade como um todo, para todas as faixas etárias. Mas suas repercussões se agigantam sobre a juventude” (NOVAES e VANNUCHI, 2004, p. 2).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar modernização sob a perspectiva de superação e renovação, delimitando alguns marcos históricos de sua realização, é pensar num processo não situado, mas um *continuum* que se realiza em momentos distintos sob formas particulares pertinentes ao tempo em que os marcos zero, que revelam a transposição de um momento para o outro, se tornam conhecidos. Não se trata, portanto, de um fenômeno único.

Atualmente, levando em conta o crescimento da religiosidade em nosso país, torna-se necessário encontrar caminhos de compreender o processo de secularização, abrindo novas frentes de estudos que estejam pautadas no fenômeno da modernização e ancoradas em bases interpretativas do fenômeno que estejam desvinculadas da base predecessora que tinha no esvaziamento do sentido religioso sua principal base de sustentação.

Não somente as críticas ao processo de secularização revelam-se pertinentes, como também as diversas alternativas de práticas religiosas dentro do próprio cristianismo parecem sinalizar para um momento de ruptura de padrões religiosos historicamente instituídos, marcados por diferenças e singularidades que eram suas referências particularizadas no tocante a fé e a prática religiosa. A Sociologia da religião se vê frente ao desafio de refletir um

cristianismo em fase de transformação, que tem cada vez menos o templo e os rituais como elementos necessários à fé, principalmente entre os jovens; e embora seja incoerente afirmar que isto sinaliza o fim da religião tal como a conhecemos, contudo sinaliza para uma mudança significativa no âmbito dos conceitos e das teorias religiosas, pois fica cada vez mais evidente que a lógica por trás da religião institucionalizada, que se sustenta justamente nestas bases históricas em que o sacerdócio e o templo são realidades inseparáveis e insuperáveis, tende a se superar no intercurso das contingências atuais do processo de modernização.

## REFERÊNCIAS

- ARMER, J. M.; KATSILLIS, J. Modernization theory. *In: Encyclopedia of Sociology*. vol.3, 2001.
- BALANDIER, G. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1998.
- CAMPBELL, C. A orientação do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. *In: Revista Religião e Sociedade*, n.18, 1997, pp. 5 – 22.
- CASANOVA, J. Rethinking Secularization: A Global Comparative Perspective. *In: The Hedgehog Review: Critical Reflections on Contemporary Culture*. Charlottesville, VA, 2006.
- CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LERNER, D. **The Passing of Traditional Society: Modernizing the Middle East**. New York: The Free Press, 1958.
- MARSHALL, D. B. Canadian Historians, secularization and the problem of the nineteenth century. *In: CCHA, Historical studies*, n. 60, 1994, pp. 57-81.
- MARIANO, R. Análise: **Padre Marcelo busca catolicismo de massas, mas menos atento às questões sociais**. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1179705-analise-padre-marcelo-busca-catolicismo-de-massas-mas-menos-atento-as-questoes-sociais.shtml>> Acesso em: 07 Maio 2015.
- MARIZ, C. L. A teologia da batalha espiritual: uma revisão bibliográfica. *In: BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, n. 47, set/1999, pp. 33 – 48.
- NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- ORO, A. P. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- TAHIRLI, T. **Secularization in a Society with a Strong Religious Ideology: The case of Turkey**. Suécia: Linköping University, 2005.
- ZIMMER, H. **Filosofias da Índia**. 4 ed. São Paulo: Palas Athena, 2008.